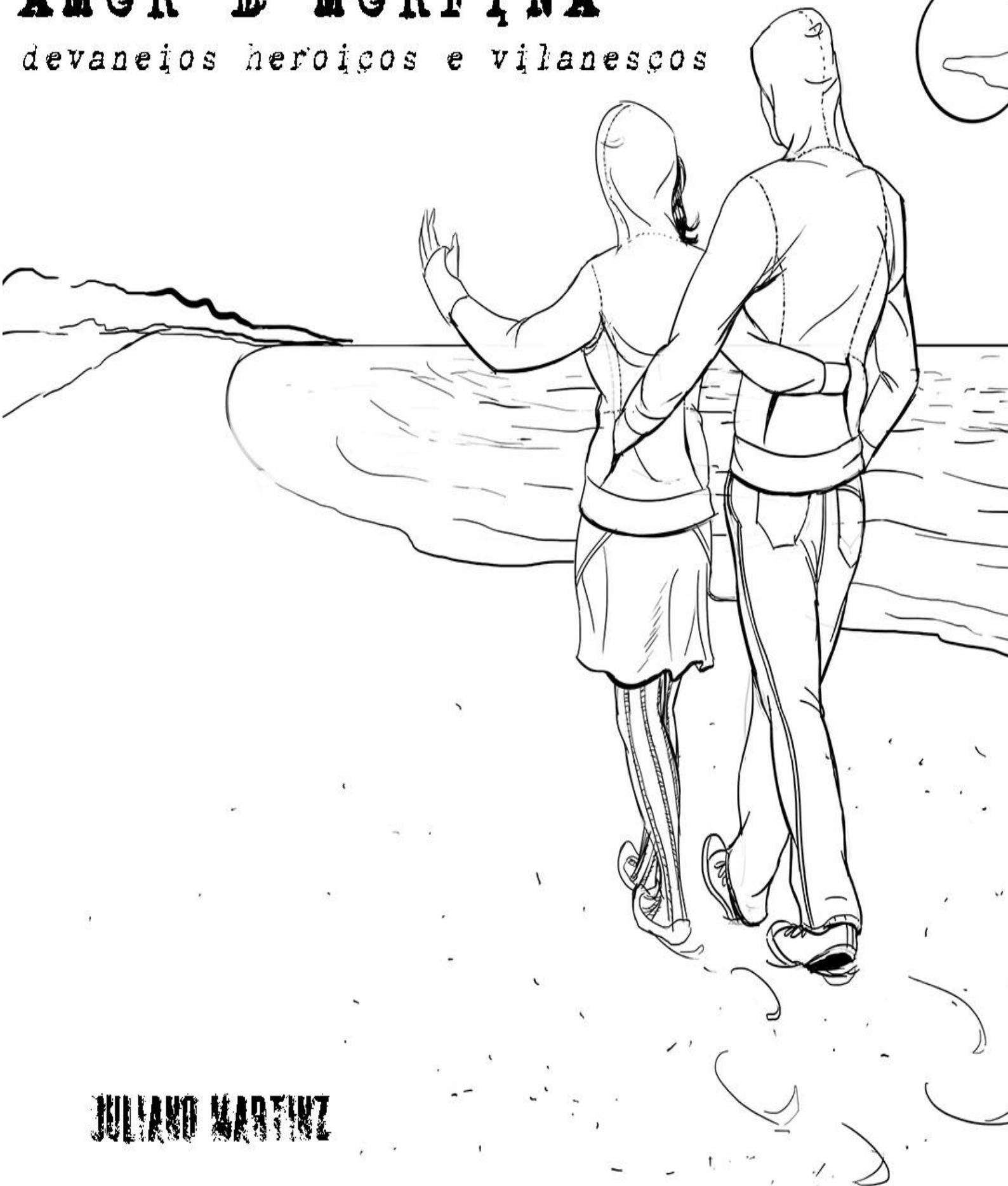


AMOR E MORFINA

devaneios heroicos e vilanescos



JULIANO MARTINZ



Literatura
Corrosiva

Juliano Martinz

AMOR E MORFINA

devaneios heroicos e vilanescos

Copyright © 2016 by Juliano Martinz - Amor e Morfina: Devaneios Heroicos e Vilanescos – Literatura Corrosiva - All Rights Reserved.

Sumário

SER VOCÊ.....	1
HOMEM DE ISOPOR	2
POR ELA	3
PARTE DO CÉU	4
DISCALCULIA E DISLEXIA - UMA HISTÓRIA DE AMOR	5
ETOGENIA	7
LADY JANE	8
CUIDA DE MIM	9
SONHO É PESADELO	10
PARA VOCÊ, PARA SEMPRE	11
AMOR VAGABUNDO	12
DA COR VÍVIDA DO TEU SORRISO	14
SUAVE SONHO DE UMA NOITE SEM FIM	15
APENAS TEU	16
ENVELHECENDO AO TEU LADO	17
E QUEM PODERIA PREVER...?	18
ESSAS COISAS DO CORAÇÃO	19
REAFIRMAÇÃO	20

SER VOCÊ

Quando passei em frente ao teu quarto, ouvi você chorando. Parecia um sussurro. Um pedido de socorro. Como se tivesse percebido minha presença. Como se pudesse ouvir meus passos lentos se arrastando pelo chão tão empoeirado. Como se eu pudesse fazer algo por você.

Eu estava por aí, tentando te encontrar em outros rostos. Uma face. Um sorriso. Tua boca nos meus lábios. Teus cílios ritmando meu piscar. Como se fosse possível unir as faces numa só. Uma só face. Fácies. Fácil.

Quando acordei, estava no meio do nada. E do nada, achei que podia te ver. Te completar. Te conceber. Como se fosse possível te enxergar no meio da solidão, no meio da noite, no meio de mim. Parece tão simples quando a gente desenha tudo no papel. A gente apaga aquilo que tem medo. Alinha o desarranjo. Combina terra e céu.

Quando passei em frente ao teu quarto, ouvi você chorando. E eu também chorei. Como se eu pudesse sentir sua intensidade. Como se eu pudesse sentir a sua falta.

Como se eu pudesse ser você.



HOMEM DE ISOPOR

Era um homem de isopor, esfarelado isopor. Torpor emocional, patético inspirar e expirar. Como se as engrenagens não se considerassem, como se os elos se desfizessem em simples argolas.

Homem de isopor postado ante sua própria sombra. Sombra a oeste, sob seus pés, agora leste. Até o dia seguinte, quando reaparecia, naquele sempre decadente oeste. Contou um, dois, três, atire-se antes que lhe seja atirado. Um, dois, três, a coragem se desfazendo na covardia do lado oposto, ou em uma desgostosa coragem e sua incapacidade em se salvar.

Quando ela o viu pela primeira vez, não exatamente o viu. Foi apenas um relance. Ele se camuflava no anonimato das paredes desgastadas, bege claro, reboco, bege claro, infiltração, mancha desconhecida.

Ela, inconsolável diante das lembranças de um falso amor, rompido semanas atrás, perdia-se no frenético girar do liquidificador. Até que o homem de isopor se desloca, se aproxima, quase carregado pelo vento. Ela lhe diz seu nome, ele sorri farelos brancos que a brisa se encarrega de dispersar. As horas passam. O sol leva suas sombras de oeste a leste enquanto ela conta sua história. Até que ele abre a boca de poliestireno e derrama suas análises e conclusões. E o homem insensível descobre uma vocação: seu dom em consolar.

O plástico em mutação. Transfigura-se em carne e sangue. O sorriso não mais esfarela, e as palavras dele a enchem de esperança. Comovida com suas palavras, ela estende a mão e toca em seus braços.

E arrepia-se com o calor daquela pele macia e corada.



POR ELA

Ela me sorriu com o semblante. Parecia a criação duma nova estação. Um novo estado, entre o líquido e o gasoso. Entre o silêncio e o zumbido. Entre a solidão e sua companhia. Escondi meus deletérios, deletei meus infernos, minhas intempéries. Artesão que sou, recriei-me a partir de inéditas matérias-primas, primeiro a matéria, depois as rimas. A clara evidência de sua pureza em clarividência. Opaca estação dando lugar à exata estação ela. Ela estar. Estado de estar perfeição. Perpetuar o ão de purificação.

Nela, me perpetuação. Me contemplação. Me ela são.

Por tudo o que ela quis.

Por ela, me refiz.



PARTE DO CÉU

Menina no labirinto. Lábios conjugam movimentos. Um pedido de socorro. Socorro pedido. Mil vezes infinitivo. Seu desespero corre em suor pelo seu rosto. Gosto de sal. Mal posto. Seus pés vacilam. Pé ante pé. A pé. Pela fé. Perdida, pede socorro. Ecoa a voz. Soa a sós. Ecoa... e ecoa... e ecoa...

Menino ator. Molda-se. Cria-se e recria cenas de textos reflexivos. Atua dor, amor, terror. Não a engana. Não a esgana. Perde-se, mas jura achar-se. E promete à menina perdida, a saída.

Menina no labirinto. Perdida. Agora, pedida. A mão dele estendida ao seu alcance. Oferece-se. Promete-lhe. Vida. Parte do céu. Segurança. Um véu.

Menino ator pega mão da menina no labirinto.

Sorriem.

Ela. Sai do labirinto. Torna-se atriz. Vida. Um sentido. Segurança. E abandona menino ator.

Ele. Refugia-se no labirinto. E cobre o rosto com o véu da menina que hoje é parte do céu.



DISCALCULIA E DISLEXIA - UMA HISTÓRIA DE AMOR

Menino com discalculia conheceu menina disléxica. Encontros casuais que reservam impactos múltiplos e eternos. Olhos atentos a detalhes por outros desprezados, se cruzaram. Ele não sabia precisar quantos foram os olhares, e a menina não podia descrever o que eles diziam. Mas eram muitos e não falavam pouco.

Nas conversas, avançados na entrega de gêneros, ele evitava dados matemáticos.

– Há quanto tempo me observa? – Ela.

– Humm... Muito tempo.

– Muito? Muito quanto?

– Ahn, muito muito. Digo, parece que foi ontem. Como se o tempo congelasse quando a beleza se eterniza em nossa frente.

Ela sorria. Tocou seu rosto. Ele retirou o papel do bolso, ainda trêmulo e estendeu-lhe. Ela passou os olhos por cima, visivelmente embaraçada, e devolveu-lhe.

– Pode ler para mim?

– Minha letra é tão ruim assim?

– Não, eu só me atrapalho um pouco, às vezes. Pode ler para mim?

Ele leu:

– “Paro o tempo com minhas mãos. Ele me obedece. Sou rei, quando te vejo. Sou rei. Os ciclos que aguardem. O tempo que tire suas férias. Preciso me aquecer na chama que flui do teu olhar. E não posso me incomodar. Não me incomodem. Sou rei, e enquanto estiver com minha rainha, não me interrompam. E assim, consuma-se. Ninguém ousa me desafiar enquanto componho canções com o som de sua voz”.



Amor e Morfina: Devaneios Heroicos e Vilanescos

A menina apaixonou-se sem palavras. Mas fazia questão de enumerar as intensidades que retumbavam em seu peito em somas e múltiplas sensações. Já ele não conseguia contar os dias até encontrá-la. Mas era capaz de ler, traduzir e registrar as notas que deslizavam pelos lábios dela, instantes fracionados antes de beijos que se eternizavam. Beijos que duravam eras, embora ele não soubesse dizer quanto tempo. Beijos de um sabor adocicado que ela não seria capaz de descrever no papel. Na falta de fórmulas, o menino abusava das descrições. Na falta de palavras, ela enumerava suas múltiplas alegrias. Equacionava em precisos momentos a intensidade de um amor que saltitava de seus poros.

As brigas nasciam e renasciam de suas limitações, embora o tempo lhes ensinara a se entenderem e se aceitarem.

- Você está 30 minutos atrasado. Não se deixa a namorada plantada 30 minutos na frente de um cinema.
- Mas eu mandei mensagem dizendo que ia me atrasar.
- Eu vi, mas, mas, a mensagem estava confusa.
- Confusa? Eu só disse que ia me atrasar bastante, só isso.
- Bastante? O que é bastante pra você? O que é bastante pra mim? Por que não diz quanto tempo vai se atrasar e fica tudo mais claro?
- Você sabe que não sou bom com números.
- E você sabe que não sou boa com palavras escritas. Da próxima vez, me ligue. Não gosto que me mandem mensagem.

Casaram-se numa data que ele jamais foi capaz de se lembrar. E lembrar pra quê? Tudo o que ele precisava ele tinha: o mesmo amor com que a amara desde que lhe escrevera o primeiro poema, embora até hoje, ela ainda não tenha entendido.



ETOGENIA

Quando a intensidade lhe cobriu os olhos naquele novo formato, deixou-se guiar pela profusão de novos sonhos. Era uma experiência nova, uma aquisição há muito esperada, novos parágrafos acrescentados à etogenia. Por entre a tensão e a alegria de rever os contornos que lhe emudeciam os olhos, descobriu-se adepto do que um dia, já desistira de esperar: o verdadeiro amor.



LADY JANE

O coração da jovem parecia tempestuoso, cálido ao toque das palavras dele, quando ele a chamava pelo nome. Não eram palavras especiais, mas se tornavam especiais quando cruzavam a fronteira do seu órgão muscular, desfilando por entre aurículas e ventrículos. Chamejava com a consistência inconstante daquele ritmado destoar que só deste gosto provaram os que amaram ao menos uma vez.

E com a mesma aguçadura com que lhe infligiam as palavras tocantes, foi-lhe arrancado o ar quando ouviu, da mesma boca, a boca dele, o amor por outra mulher. Sob o rugir tempestuoso das palavras em seus ouvidos, se confundiram a acidez e o destempero. Inerte, calou-se. Calou fundo a verdade que esfriou seu calor. Por ora, fugiu-lhe a vida. O sangue achou que não precisava mais correr. O ar sossegou. O pulmão aquietou. O corpo abjurou.

Caminhou rumo ao nada, embora, estivesse estagnada. A inércia a conduzia. Diluía. Fragmentos de mulher aqui, ali, acolá. Caminhando ao nada, ao nada chegou. E como nada encontrou, continuou. Ainda hoje, vagueia pelas estradas, a procura do seu lugar. Caminha por estradas, pontes, desertos, fronteiras. Mas quem a observa ao longe percebe, pobre mulher, ainda continua parada no mesmo lugar.



CUIDA DE MIM

Seus olhos me deixaram estático. Seu brilho calou-me silêncio. Como se a vida pudesse esperar um pouco mais. Sem pressa. Sem presas. Acesas, cem mil luzes. Seu encanto feriu-me a cura. Curou-me a ressaca, overdose de seu sorriso. Seu pranto molhou-me seco, e seco o céu, tua luz em véu. Veio assim, de passagem. Sem pretensões. Pensei ter passado. Mas você ficou. Fez moradia. Acalmou a ventania. Que o dia passe agora. Que passe todo num passe de mágica. Eu vou ficar aqui, um pouco mais. Mas, por carente, uma solidão indecente, te peço pra ficar. Deixe o sol pra lá. Deixe o céu e o mar. Deixe a areia e o que quiser voltar. Eles sabem se cuidar. Por hora, por ora, por agora... Cuida de mim.



SONHO É PESADELO

Era um homem sem sonhos. Noites desprovidas de calor, paixão, intensidade. Apenas um dormir descolorido, descompassado. Durante o dia, o Nada lhe acariciava. Como uma companhia entediante que não se afasta. Caminhava horas e horas pelo asfalto, o calor retumbando sua testa engelhada. Esperava a noite, esperanças. Esperava sonhar. Acreditar em elementos desgovernados numa mente livre e criativa. Acreditar ser outra pessoa, outros planos, outros toques. Mas, no dia seguinte, apenas o nada. Nenhuma lembrança. Nenhum sonho.

Certo dia, conheceu a garota que só tinha pesadelos. Rapaz sem sonhos conhece menina de sonhos aflitivos. Ele, caminhando distante. Ela, apavorada. Como se tudo o que se movesse fosse ganhar a forma do monstro do último pesadelo, noite passada.

Do contato, nasceu a simpatia. Desta, a dependência. Desta última, o amor. Ele lhe acordava na hora dos pesadelos mais terríveis. Ela preenchia as noites dele com o relato do que sonhara. Noites amenizadas para ela, noites intensificadas para ele.

Eram caminhos diferentes que se cruzavam, e se alimentavam. Tentavam manter-se, por instantes eternos, na mesma direção. E até poderiam caminhar pela mesma estrada, mas estavam cientes de que nunca pegariam carona no mesmo caminhão.



PARA VOCÊ, PARA SEMPRE

Ontem já não importa. Hoje se dispersa. Despeço o agora, e peço sua atenção. Desapareço, quando me excedo. E cedo, te penso como tanto te quero e te esqueço.

Meus poemas são teus. Minha inspiração transpira teu nome. A poesia que te fiz é a alegria que meu peito alijou. Meu ontem e agora se desafogam, se amanhã teus olhos acharem que devem em mim repousar. Deixe-nos se aproximar. Aportem teus olhos em meus cílios. Aportem teu sussurro em meus lábios. E acomode teu abraço em meus braços.

Te prezo, como preso te admiro. Te insisto como o fôlego final. E por final, ensaio o fôlego que me falta quando vejo os olhos teus, e imagino-os aportando nos cílios meus.



AMOR VAGABUNDO

No seu intransigível medo de amar, declarou-se um coração de pedra. Vítima de 3 relacionamentos catastróficos – no último, descobrira que o namorado era casado e pai de dois filhos – assumiu seu desastre no campo do amor. Embora tivesse o sonho de se casar antes dos 30 – sonho este tão distante quanto o desejo de passar as férias em Paris -, achava que a segurança não residia num relacionamento, e sim, na evitada solidão que, no final das contas, não era tão assustadora assim. Sozinha, ela manteria seu forte a postos, protegendo-a dos ataques dos inimigos insensíveis – os homens.

Começou a fazer cara feia para todas as pessoas com quem cruzava: vizinhos, colegas de trabalho, colegas de faculdade. Ensaiaava caras, caretas e demonstrações de desafeto no espelho. Desinteresse frívolo por tudo aquilo que os homens lhe diziam. Os rapazes do trabalho, quando lhe contavam as divertidas aventuras dos finais de semana, eram socado no estômago por um: “E daí, moleque!?” daqueles de gelar a espinha (chame um galanteador de moleque, e ele nunca mais te incomodará). Com os amigos da faculdade, nem um “oi” seco e ácido lhes reservava. Quando convidada para sair, sempre tinha respostas prontas (daquelas ensaiadas na frente no espelho, fazendo cara de psicótica segundos antes de degolar a vítima): “Olha pra mim, moleque, e vê se tô afim da sua companhia”. Resolvia.

E resolveu. Dias após, muralha convicta, não era mais perseguida pelos insistentes cortejadores baratos (muito menos pelos eficientes). As paqueras escassearam a ponto de zerarem. Cumprimentos desapareceram. Olhares se tornaram raros – exceto os de medo. Até as amigas não gostaram das mudanças, e resolveram se afastar. Tempo depois, sua vida se resumia a trabalho, faculdade e um quarto mórbido e ingrato.



Amor e Morfina: Devaneios Heroicos e Vilanescos

O coração de pedra se protegia das estocadas de amores de dois gumes. Mas não estava exatamente preparado para uma vida vagante por um chão árido, um vento quente, seco e agressivo lhe rasgando a pele sensível, que não era nada petrífica como o coração. Em pouco tempo, sentia falta de companhia, dos braços e abraços, ainda que temporários, devido às inconstâncias e vicissitudes de uma fórmula vagabunda chamada amor. Talvez estivesse certo aquele filme em que o ator principal dizia que não devíamos fugir dos problemas, porque não existe vida sem problemas. Talvez fosse hora de sair daquele quarto vazio, tentar amar e ser amada, e que viessem feridas e sofrimento. Afinal, morrer sem cicatriz é sinal de que a vida não foi aproveitada.

No dia seguinte, no elevador, o vizinho cauteloso, já vítima de suas "patadas" soltou um bom-dia prudente, e se encolheu esperando ser mandado aos quintos, ao que ela respondeu, um sorriso arrebatador cintilando na boca:

– Bom dia? Hummm... Depende. O que você está disposto a fazer para tornar meu dia bom?

Casaram-se seis meses depois.

...



DA COR VÍVIDA DO TEU SORRISO

A pele adocicada de sua voz num timbre perigoso. Estanque, a vontade sôfrega de ficar ali mais um minuto. Ali, as vontades se perdem, se entrelaçam numa intensidade serena. Que faremos? Deixo-me guiar pelo seu olhar primaveril. Os silêncios escancarados se reorganizam em plenitudes órfãs, e refeito me contradigo em fala pueril. O canto da boca, o intento nos lábios, a ideia na mente que anseia gritar. Seu mundo mais uma vez. A primeira poltrona, contemplo tua cena numa dança vespertina, sólida semente da primavera por nascer. E para todo o sempre, mergulho infinito em teu sorriso abissal. Uma queda livre, um elevar eterno, e para sempre moradia minha.



SUAVE SONHO DE UMA NOITE SEM FIM

Seus brinquedos empilhados em um canto da sala. Suas malas, seus restos, seu rosto no espelho manchado. Um sonho montado às pressas, frágil castelo com cartas marcadas do seu baralho. E ainda estou atrás de sua porta, tentando ouvir seus segredos. E ainda sigo seus passos, compondo canções com seus suspiros.

Este é o nosso mistério, nosso frágil caminhar. Como velhos planos despedaçados, numa velha dança, embalados pelos mesmos velhos discos riscados. Mas é assim que o amor se fará por nós. E é assim que se conquista um coração.

Então escreva seu nome num pedaço de papel. E dedique seu silêncio e pesadelos para mim. Mesmo cansado dos seus amigos, esperarei por você. Ainda seremos os mesmos insanos brincando em roda no seu jardim. Esboçando desenhos de sonhos outrora esquecidos. Exibindo tolices escritas em nossas testas, confidências patéticas.

Mas é assim que o amor se fará por nós. E é assim que se conquista um coração.



APENAS TEU

É tua pele. É esta tua graça que se espalha em meus sonhos. São estes teus cílios que acompanho ritmarem a batida de meu coração. Compassados, descompassam minha concentração. Sorrisos que redesenharam meus sonhos. Outras cores. Outras formas. Meus sonhos redesenhados. Sempre me vejo em cima de árvores, casas, vistoriando o horizonte. Esperando o surgimento de tua silhueta. E quando a vejo, corro em tua direção. O deserto não me importa. Liberto, meu amor me transporta. Acerco tua presença que me conforta.

E por que sempre vejo o medo dançando em teus olhos? Fantasmas ditando teus passos, conferindo embaraços. O invisível saltando aos teus olhos. Mas acredite: não são teus medos. Deixaram de ser teus. São nossos. Crescem em nossa pele. Conduzem-nos por estradas estranhas e sombrias. Pés descalços. Pés em falso. Poderíamos cair? Ceder? Desistir? Então, me dê sua mão. Aqui entramos juntos. Daqui, juntos sairemos.

Venho dizendo isso um milhão de vezes, e vou dizer mais uma vez: não são teus medos. São nossos. Tua solidão é minha solidão. E não sou mais eu. Sou apenas teu.



ENVELHECENDO AO TEU LADO

Feito fel, apazíguo horas insólitas. Brigo por teu abrigo. Um rosto cálido na multidão. Feito horas, o segundo que me olhas é o instante que te elejo perfeição. Feito sol, te persigo toda a terra. Desde o leste, feito outrora. Feito a lua, te espero noite inteira, vida toda, vida beira.guardo que me ensine tua casa. Me traduza teu abrigo. Num risco somente nosso, e contradigo teu castigo.

E o que fazer quando as palavras se recolhem, tímido toque? Que pensar, que dizer ainda que tão pronto a se arrepender? Dizer te amo só por dizer é como quebrar promessas, desdizer acordos. Conversar dias, ou conservar frias vãs palavras. Ainda assim, posso te amar se deixares a porta aberta. Posso compor tua vida melhor, ecoar tua vida em ré maior. Deixar em pó os muros que te cercam. Te envolver num abraço e dizer, um sussurro estancado no grito: chore agora, porque amanhã não terás mais motivos.

Eu só queria envelhecer... Apenas me deixe envelhecer e voltar a ser jovem ao teu lado.



E QUEM PODERIA PREVER...?

Como quem não suportava, insuportei-me – esta loucura redimensionada em minha pele seca e visão ressequida. Olhos entrelaçados, um mistério que me consumiu, a intensidade sôfrega desenhada em mim. E sob a chuva negra, correndo sem participar de sorrisos aleatórios, não deixo de me perguntar: quem poderia prever que você pudesse me amar?

O que me gritei, enquanto despencava do alto da montanha, não pode ser ouvido exceto por mim e por minha alma cansada e envergonhada. Impactado pela descoberta confusa de minhas sombras que dançavam num cinza destoar ao meu redor. E quando duvidei do amor, sob a sombra amargurante de um dia amanhecido, você apareceu e sorriu seu ar docilmente conjugado. E quem poderia prever que você pudesse me amar?

Vai ver eu nem sequer me confundi, mas sei que confundi outros que tanto amo. Quando minhas palavras foram mal-interpretadas e os cortaram, eu também sangrei. Logo eu que jurei-me fazer-lhes dormir sob alguma canção de ninar, e que tanto acreditei conseguir alcançar as estrelas, fugitivas estrelas. De joelhos, no deserto, acreditei não me acreditar. E seu sorriso surgiu como a sombra e a água que minha pele desperdiçou-se não mais acreditar. E quem poderia prever que você pudesse me amar?



ESSAS COISAS DO CORAÇÃO

São essas coisas sobre as quais eu pouco entendo. Todo esse universo humano, essas condecorações, um filme inédito visto e revisto um milhão de vezes. Se não entendo, tampouco deveria falar. Como quem discursa sobre a saudade daquilo que ainda espera conhecer. Como o insano discursando sobre a sanidade de outrem.

Mostre-me um cara que acredita piamente na própria imagem no espelho, e te mostro um lunático que deveria estar dentro de uma camisa de força. São essas conseqüências, essa busca por um prato de desentendimentos. E quem haverá de entendê-los? Ela ama quem a faz sofrer. Ele ama quem nunca soube de sua existência. E neste ínterim, alguém se olha no espelho e diz: "Eu acredito em você!"

Meu coração é como o universo – está em expansão. Mas às vezes se encolhe. Retraído, insatisfeito, desacreditado. Os olhos dela dizem tanto, mas ao mesmo tempo, ainda buscam por um vazio que gela minha espinha. Por onde fomos? Para onde iremos? Ainda acredito que teríamos tido uma chance, se tivéssemos nos conhecido bem lá, onde nascem o vento e os versos. De onde sopram sonhos. De onde resmungos são distanciados por uma lufada qualquer.

Realmente, são essas as coisas do coração. Sobre elas, pouco entendo. E se não entendo, sobre elas tampouco eu deveria falar.



REAFIRMAÇÃO

Queria eternizar suas palavras. Botá-las ali. Uma afirmação. E reafirmação. Estava vivo. Queria se expressar. Do seu coração, bombear elogios. De sua alma, críticas. De cada pele. De cada poro. Ele inteiro, por inteiro. Seria eternizado. Louvado. Repudiado. E outros ados e mais ados. Mas ao menos seria. O que já seria uma grande coisa. Ultimamente, era-lhe complicado ser um algo qualquer. Só "desser". O inverso de um verso. Um só verso no universo. Sem rimas. Sem climas. Sem um peito a abraçar.

Queria eternizar suas ações. Uma dentre mil inspirações. Externar o inevitável. Evitar aquela torpe solidão. Olhá-la nos olhos e dizer o que ensaiara uma vida inteira. Palavras cuidadosamente elaboradas, construídas e lapidadas. Com idas e vindas, entre alegrias e traumas, palavras definitivamente combinadas.

Arrancar-lhe-ia o fôlego para tão somente devolver-lhe o suspirar. Romperia pericárdio, envolveria endocárdio. Para no momento do enfim, antes que as cortinas o retirassem de cena, antes que atirado às feras em uma arena, pudesse fazer do coração dela, por um segundo apenas, sua eterna moradia.





Literatura
Corrosiva

www.corrosiva.com.br

